



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO PEDAGOGIA**

JAQUELINE TRENTIN AGOSTINI

**IDENTIDADE DE GÊNERO E INFÂNCIA:
ANÁLISE DE ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE O TEMA.**

**ERECHIM, RS
2015**

JAQUELINE TRENTIN AGOSTINI

**IDENTIDADE DE GÊNERO E INFÂNCIA:
ANÁLISE DE ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE O TEMA.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentada como requisito para obtenção de
grau de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ivone Maria Mendes
Silva.

ERECHIM, RS
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua Rodovia ERS 135, Km 72, N° 200
CEP: 99700-000
Caixa Postal 764
Fone: (54) 3321-7050
Erechim – RS
Brasil

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Agostini, Jaqueline Trentin
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA INFÂNCIA: O
que revelam os estudos analisados?/ Jaqueline Trentin
Agostini. -- 2015.
59 f.

Orientadora: Ivone Maria Mendes Silva.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
pedagogia , Erechim, RS , 2015.

1. Infância. 2. Identidade. 3. Gênero. 4. Influências
sociais. I. Silva, Ivone Maria Mendes, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JAQUELINE TRENTIN AGOSTINI

**IDENTIDADE DE GÊNERO E INFÂNCIA:
ANÁLISE DE ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE O TEMA.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ivone Maria Mendes Silva

Aprovado em: 16/12/15

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ivone Maria Mendes Silva - UFFS

Prof.^a Me. Lidiane Limana Puiati Pagliarin- UFFS

Prof.^a Esp. Viviane Molossi Valmorbida – IABRB

Dedico a todos que mais amo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de viver cada dia com saúde e vigor a fim produzir este trabalho.

Agradeço aos meus pais, Sadi e Laudete, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando meu trabalho com determinação, lutando pela minha formação. Agradeço aos meus irmãos Pedro e Fernanda, pelo carinho e confiança nessa caminhada.

Agradeço também ao Joel, uma pessoa doce e amável, que nos finais de semana me deu apoio, incentivo, palavras de carinho, a fim de que pudesse enfrentar os desafios dessa etapa da vida.

A minha orientadora, Professora Ivone, sempre muito dedicada soube ter paciência durante este processo de construção de um trabalho que parecia não ter mais fim.

As minhas colegas pela companhia de cinco anos de aula e muitas noites de estudos, risadas, alegrias, tristezas. Agradeço aos professores desta graduação que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho.

A escola não pode tudo, mas pode mais. Pode acolher as diferenças. É possível fazer uma pedagogia que não tenha medo da estranheza, do diferente, do outro. A aprendizagem é desafiadora e heterogênea. Aprendemos coisas diferentes daquelas que nos ensinam, em tempos distintos, [...] mas a aprendizagem ocorre, sempre.

Anete Abramowicz

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender como a identidade de gênero se constitui ao longo da infância, buscando analisar as influências que sofre na contemporaneidade. No decorrer desta pesquisa, encontra-se a definição de identidade de gênero baseada em autores das áreas da educação e da psicologia, sendo também apresentados os conceitos de criança e infância. A pesquisa busca analisar, por meio da revisão bibliográfica, a construção da identidade de gênero na infância, focalizando a influência que instâncias como família, escola, grupo de pares, mídia, dentre outras, exercem na formação da identidade de gênero nas crianças. A metodologia utilizada baseia-se na identificação e análise de estudos publicados por outros autores que realizaram pesquisas de campo sobre o tema desta monografia. Nesse sentido, constatou-se que a identidade de gênero está em constante mudança e transformação na medida em que os sujeitos vivenciam determinadas experiências.

Palavras-chave: Infância. Identidade. Gênero. Influências sociais.

ABSTRACT

This study aims to understand how gender identity is formed throughout childhood, trying to analyze the influences it suffers nowadays. During the course of this research, the definition of gender identity is presented, based on authors from the fields of education and psychology; the concepts of child and childhood are also presented. The research seeks to analyze, through the literature review, the building of gender identity in childhood, focusing on the influence that bodies such as family, school, peer group, media, among others, play in the development of gender identity in children. The methodology used is based on the identification and analysis of studies published by other authors who conducted field research on the topic of this monograph. In this sense, it was found that gender identity is in constant change and transformation at every stage of life as subjects experience certain experiences.

Keywords: Childhood. Identity. Gender. Social influences.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	INFÂNCIA, IDENTIDADE E GÊNERO: DELINEANDO CONCEITOS	Erro!
	Indicador não definido.	
2.1	INFÂNCIAS E CRIANÇAS	Erro! Indicador não definido.
2.2	IDENTIDADE (D)E GÊNERO.....	Erro! Indicador não definido.
3	METODOLOGIA.....	Erro! Indicador não definido.
4	ESTUDOS ANALISADOS.....	Erro! Indicador não definido.
5	REFLEXÕES ACERCA DOS ESTUDOS ANALISADOS.....	40
5.1	FAMÍLIA	40
5.2	ESCOLA.....	42
5.3	MÍDIA	44
5.4	PAPÉIS DE GÊNERO	46
5.4.1	Brincadeiras e brinquedos	Erro! Indicador não definido.
5.4.2	Tipos de comportamentos	49
5.4.3	Gostos e preferências	50
5.5	SERES ATIVOS E NADA INOCENTES!	51
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
	REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem a finalidade de apresentar como a identidade de gênero se constitui na infância e quais influências sofre em sua construção. Justifica-se a escolha do tema a partir da caminhada profissional e acadêmica da autora, a qual teve contato com experiências sobre o assunto.

Durante os últimos anos, surgiram inúmeros estudos sobre a infância. Pesquisas que abordam a Educação Infantil estão ligadas a diversos eixos e temáticas. Contudo, ainda são poucos os estudos na área que tentam incorporar a discussão sobre a construção das identidades de gênero.

A vontade de pesquisar mais sobre o tema fluiu do contato com a disciplina Sexualidade e Infância, ministrada pela Prof.^a Ivone Maria Mendes Silva, no oitavo semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Erechim/RS. Participando das discussões na sala de aula e lendo sobre a temática de sexualidade, identidade, gênero e infância, foi possível perceber que há uma necessidade, por parte dos professores, de dar atenção a esses aspectos no que diz respeito à formação do indivíduo presente na sala de aula no nosso dia a dia.

Ficamos atentos a essa questão é importante para não correremos o risco de reproduzir, enquanto escola, o que existe de forma disseminada em outros âmbitos da sociedade: as desigualdades. Muitas vezes, de forma até mesmo não intencional, a escola reproduz desigualdades, por exemplo, na questão do gênero, determinando o que é de homem e o que é de mulher, o que serve para menino e para menina, como certas brincadeiras, cores, brinquedos, comportamentos, entre outros. Dessa maneira, damos conta da necessidade de refletir sobre esses pontos, a fim de compreender e de poder proporcionar essa discussão tanto no grupo de professores como na sala de aula (FELIPE; GUIZZO, 2004).

A importância desse debate tem sido reforçada inclusive pelos documentos oficiais produzidos e divulgados pelo Ministério de Educação. Os Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil, por exemplo, destacam um aspecto relevante na formação da identidade: “[...] a maneira como cada um vê a si próprio depende também do modo como é visto pelos outros. O modo como os traços particulares de cada criança são recebidos pelo professor, e pelo grupo [...], já que sua identidade está em construção” (BRASIL, 1998, p. 13).

Sabemos que a família é, comumente em nossa sociedade, o primeiro espaço de convívio, de interação e troca no qual a criança está inserida, e é com ela que o sujeito inicia

seu processo de formação. Além da família, existem outros grupos de socialização dos quais as crianças participam; são eles: festas de igrejas, feiras, reuniões em comunidades, escolas, contato com a mídia e outros. Partindo desses diferentes modelos, a criança internaliza conhecimento, adquire hábitos e valores, e, conseqüentemente, sua identidade vai se constituindo, sendo essas experiências sociais boas influências ou não.

Pensemos a instituição escolar como um local em que os sujeitos têm muito contato com diversas vivências. É na escola que aumentam as possibilidades de aprenderem novas culturas, tanto com adultos como com outras crianças. E é nessa mesma escola que poderá existir a aceitação das diferenças, bem como o preconceito com a diversidade. Isso ficará mais evidente dependendo da forma com que a escola trabalha essa questão e a forma como os professores lidam com ela.

Estabelecer reflexões sobre os conceitos de gênero e identidade e sobre a maneira como a escola vem lidando com o assunto fez com que fosse despertado um interesse em estudar mais profundamente o tema.

Um fato ocorrido na escola¹ em que atuo como docente favoreceu esse processo. Em determinado dia de reunião de trabalho, a direção colocou aos professores que havia um “problema” na escola: uma criança, um menino especificamente, do Maternal, de 3 anos, não brincava com meninos, mas só com meninas, só usava a cor rosa, se vestia com fantasias padronizadas pelos adultos e a sociedade como sendo de meninas e, nas brincadeiras e jogos simbólicos, se destacava por querer o papel principal, ou seja, ser a Bela Adormecida, a Pequena Sereia, a Cinderela ou a princesa. Até este ponto, o relato não havia sido inadequado. O que me deixou inquieta foi a reação dos professores, muito bem qualificados, frente à questão, pois, na mesma hora, apontaram o dedo para a criança, afirmando que seu futuro e sua opção sexual estavam determinados em função desses fatores apresentados, deixando claro que, para muitos, aquilo fora do considerado “padrão” ou “normal” deve ser punido e evitado a qualquer custo, mesmo se um brinquedo ou uma cor.

Analisando a situação sob uma perspectiva mais humana e compreensiva, percebe-se, ainda em dias atuais, a falta de conhecimento e preparo do grupo docente, que não foi cuidadoso ao falar e expor a criança a todos, não tendo ciência de suas palavras e dos significados que elas traduzem para quem as ouve. A situação não era anormal, mas diferente do que a sociedade prega ser o correto e padrão.

¹ Instituição pública de Educação Infantil em um município do interior do Rio Grande do Sul, na qual trabalho como docente há cerca de três anos em turmas de Pré A (crianças de 4 anos de idade).

Essa situação relevante não se trata de um caso isolado ou único ocorrido nessa escola, mas de um assunto vivenciado por muitas crianças em outros espaços de socialização, em outras escolas. Afirma-se isso com base no texto de Felipe e Guizzo (2004), que retrata cenas observadas em escolas de Educação Infantil com crianças pequenas. As situações descritas revelam a falta de preparo dos profissionais docentes em relação às questões de gênero, sem compreender as situações ali presentes, com apelo à intervenção de outros profissionais, como psicólogos, terapeutas, psicopedagogos, e também um preconceito explícito. E ainda, conforme as autoras, quando existe uma sala de aula que aborda esse assunto e traz para o convívio das crianças uma discussão como forma de enriquecimento e conhecimento, muitas famílias se opõem, manifestando-se contra, impedindo o trabalho, alegando a inocência das crianças frente à questão.

Isso gera outro ponto relevante: se a família vê as crianças pequenas como seres que devem ser mantidos longe de qualquer manifestação sobre o assunto, significa que não se deu conta de que, se a escola se negar a trabalhar essas questões, haverá outros meios que estarão expondo a mesma criança a modelos de comportamento, ao que é certo e errado, a como se traduz a masculinidade e a feminilidade. Enfim, não há só um lugar que influencia a formação da identidade de gênero.

Mas a polêmica não cessou até os pais do aluno serem chamados para conversar sobre o assunto e discutir formas de afastá-lo de situações denominadas de risco. O ano terminou, e tudo pareceu voltar ao normal. Porém, na volta às aulas, na primeira reunião do ano, soube que o menino da “polêmica” seria meu aluno. Na mesma hora, fui submetida a comentários e questionamentos sobre o modo como deveria agir diante de situações de atitudes do aluno que ultrapassassem os limites impostos pela escola e pela comunidade, ou seja, a forma “correta” de comportamento determinada e imposta pela sociedade. Não reagi aos questionamentos; apenas respondi que se tratava de uma criança em fase de descobertas e construções, e o meu dever como professora era mediar situações a fim de que ela pudesse ter o máximo possível de liberdade de brincar, se expressar, oralizar, cantar e tudo o que a fizesse se sentir bem na minha sala de aula.

Começamos o ano bem; nada de incomum ou diferente, por assim dizer, acontecia em nosso espaço de convivência, aprendizagens e brincadeiras. Entretanto, houve um dia em especial que, ao chegar à escola pela manhã, fui abordada por uma aluna de 4 anos que me fez a seguinte pergunta: *“Porque o [nome do menino] quer ser menina?”*. Confesso que essa questão me deixou surpresa; não havia percebido nada de diferente acontecer ao longo de meses de aula, mas pelo visto alguém havia prestado atenção às atitudes, falas ou trejeitos do

coleguinha. Não que houvesse algo de errado no fato de a aluna realizar essa pergunta, mas a forma como ela me tocou fez com que eu percebesse a dimensão do acontecido no ano anterior e o modo como as famílias, a escola, os professores veem determinadas situações como monstruosidades quando fogem do esperado e como isso, de certa forma, marca a trajetória de outros.

Já havia indícios suficientes para que toda essa discussão se tornasse ponto-chave para esta pesquisa de trabalho, mas a forma como fui interrogada por uma criança me fez ter certeza de que meu papel não é apenas ensinar e mediar situações propostas aos meus alunos a fim de que produzam conhecimento, e sim discutir o que se tem preestabelecido como padrão, como ideal, tentando problematizar o modo como as pessoas veem, levam a sério e julgam situações, pelo fato de não conhecê-las.

A seguir, são apresentados os capítulos desta monografia que contemplam discussões acerca do tema pesquisado. No Capítulo 2, tratarei dos conceitos de infância, identidade e gênero. No Capítulo 3, estão descritos os procedimentos metodológicos desta pesquisa. Em sequência, o Capítulo 4 traz os estudos realizados por meio do levantamento bibliográfico. Por fim, no Capítulo 5, estão as reflexões desta monografia baseadas nos estudos analisados e nos objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

- ARCOVERDE, Ana Cristina Brito. A família como núcleo socializador. In: ARCOVERDE, Ana Cristina Brito (Org.). **Mediação de conflitos e família uma visão psicossocial da intervenção no judiciário**. 1. ed. Recife: Editora Universitária, 2002, v. 1. p. 29-42.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RISCHTER, Sandra . **Os bebês interrogam o currículo**: as múltiplas linguagens na creche. Educação (UFSM) , v. 35, p. 85-95, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da Psicologia. 14. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2008.
- BORGES, Eliane Medeiros. **Identidade e resistência**: as crianças e as representações televisuais de corpo e sexualidade. Campinas, São Paulo: [s. n.], 2004.
- BRASIL. Constituição [da] República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988.
- _____. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COSTA, Fernanda Ortiz; ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon. A influência da socialização primária na construção da identidade de gênero: percepção dos pais. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 9, p. 67-75, 1999.
- ESCOURA, Michele. “Cinderela é de menina!”: gênero, mídia e consumo numa turma de crianças. In: GRADUAÇÃO EM CAMPO, SEMINÁRIOS DE ANTROPOLOGIA URBANA, 8., 2009, São Paulo. **Caderno de Resumos**. São Paulo: IFCS/UFRJ, 2009.
- FARIA, Ana Lúcia. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da Educação Infantil. In: _____. **Educação Infantil pós LDB**: rumos e desafios. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 67-99.

FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 167-179.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 31-40.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar.; BECK, Dinah Quesada. (Orgs.). **Infâncias, Gênero e Sexualidade nas tramas da cultura e da educação**. 1. ed. Canoas: Ulbra, 2013.

FINCO, Daniela. Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil. **Múltiplas Leituras**, v. 3, p. 120-135, 2010.

_____. Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2004, Caxambu. **Trabalho apresentado no GT07**. Caxambu, MG: ANPED, 2004.

_____. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Proposições**, Campinas, v. 14, p. 89-101, 2003.

GARCIA, Regina Leite. Para quem investigamos – para quem escrevemos: reflexões sobre a responsabilidade do pesquisador. In: _____ (Org.). **Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 15-41.

GUIZZO, Bianca Salazar. Propagandas Televisivas e a Constituição das Identidades Infantis de Gênero. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 5., 2004, Curitiba. **Anais do ...** Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2004.

_____. Masculinidades e Feminilidades em construção na Educação Infantil. In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada (Orgs.). **Infâncias, Gênero e Sexualidade: nas tramas da cultura e da educação**. 1. ed. Canoas: Ulbra, 2013. p. 28-44.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. Apresentação. In: _____ (Orgs.). **Infância e Produção Cultural**. Campinas: Papyrus, 1998. p. 07-10.

KRAMER, Sonia. **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1996.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos Metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, p. 35-45, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 7-34.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Sexualidade: lições de escola. In: DAGMAR, E. E. M. et al. **Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 85-96.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. cap. 2-3.

MEIRELES, Gabriela Silveira. O que dizem as crianças sobre meninos e meninas?: anunciando o jogo das construções, desconstruções e reconstruções das dicotomias de gênero na educação infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu. **Trabalho apresentado no GT23**. Caxambu, MG: ANPED, 2009. p. 1-16.

MIRANDA, Patrícia. A construção social das identidades de gênero nas crianças: um estudo intensivo em Viseu. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6., 2008, Lisboa. **Comunicação apresentada no...** Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, v. 27, p. 99-108, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SOUZA, Solange Jobim e. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Orgs.). **Infância e Produção Cultural**. Campinas: Papirus, 1998. p. 25-43.

RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 160-171.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, p. 145-168, 2007.

SABAT, Ruth. Só as bem quietinhas vão casar. In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 95-106.

SANTOS, Solange Estanislau dos. **As crianças (in)visíveis nos discursos políticos da educação infantil: entre imagens e palavras**. 2014. 145p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SANTOS, J. J. M.; JARDIM, N. M. L.; FIDENCIO, L. O. J.; SOUZA, A. C. G.; DUARTE, B. S. R.; FREITAS, L. T. Influência do gênero na escolha de jogos e brinquedos. In: SIMPÓSIO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA, 2014, Viçosa. **Anais...** Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da Infância. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-78, mai./ago. 2005.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005.

_____. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquin. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 127-198.

VINHOLES, Aline Rodrigues. Gênero e Identidade: Reflexões sobre o Contexto Escolar. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2012.

WENETZ, Ileana. Questões de Gênero na escola e no recreio: articulações possíveis? In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Sexualidade**. Curitiba: SEED/PR, 2009. p. 73-80.